



REDATORES:

PALMIRO ROCHA

DUILIO CHRISPIM FARINA

OSWALDO PAULO FORATTINI

ARMANDO BOTTER BERNARDI

Ano XII — Núm. 41

Orgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"  
— Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Abril de 1944

Diretor: JOÃO BELLINE BURZA

(REGISTADO NO DIP)

Secretário: JOSE MARTINS DE BARROS

Redator-chefe: HERMELINO HERBSTER GUSMÃO

## Aos colegas

Os caros Colegas da Faculdade de Medicina aceitem as minhas pobres mas leais palavras de simpatia.

Nós cruzaremos uma vés mais e unidos a passagem deste outro ano.

Que sentimentos e idéias hoje nos afloram e do passado? e qual o rumo de nossa geração?

Sei que, como sempre, continuaremos a nossa jornada e estaremos caminhando, desassombadamente.

Não mudaremos a nossa atitude, nem o nosso pensamento.

Sim!

Teremos de redobrar, comõ condição precípua, as forças crescentes da nossa aproximação e solidariedade;

tornar muito e ainda mais nossa — a nossa Escola, pelas suas tradições e pelo seu fim: dignificando-lhe o rigor, o espírito e o nome;

vigiar os que não cumprem a Medicina, no que ela em si representa de ciência e arte e dentro do seu papel posto unicamente ao bem servir de nossos semelhantes;

ensinar a reconhecer os exemplos e os símbolos da inteligência e da moral, fomentando o sadio reacionismo ante os grandes mediocres e os falsos valores;

e espalhar, por toda a parte, a filosofia e os preceitos sagrados da Família, da Pátria e da Fé: e assim semeando o advento imortal da cultura, do ideal, da igualdade e liberdades humanas e dos povos.

Amigos!

Não pode haver mancha nenhuma pesando em nossa consciência, se todos aqui somos companheiros e se entendemos que em compreender e tolerar, reside a sabedoria e a bondade.

Pois, estava escrito: nós (que partimos de lugares e ambientes diversos de nossa terra, feitos e nascidos de raízes e temperamentos também diversos) achar-nos-íamos, um dia, em meio de uma estrada comum.

Sobre as nossas cabeças, não já medrado as esperanças e o trabalho e o entusiasmo e as decepções das mesmas realidades e do mesmo mundo.

Vimos mourejando e mourejaremos, para diante, no campo das nossas responsabilidades e do nosso dever.

Todavia, se alguma luta se fizer necessária, nem por sonhos recuaremos ou desviaremos a nossa independência e determinação de a Verdade e tão só a Verdade prevalecer, acima de tudo e acima de todos.

Com as noções elementares da honra e o senso das boas intenções e amor entre os homens, nós chegaremos a vencer o nosso princípio primeiro, de oferecimento e renúncia contra quaisquer sombras ou ventos do Mal.

E, ao prosseguirmos, no tempo e para a eterna morada, deixemos se leve a nossa vida e o nosso destino pelo sinal da luz que arde fundo em nosso peito, sinceramente!

João Belline Burza

## ARNALDO VIEIRA DE CARVALHO E O 31.º ANIVERSÁRIO DA FACULDADE DE MEDICINA

Transcorreu, a 2 de abril, o 31.º aniversário da Faculdade de Medicina. Num dia assim, no ano de 1913, Edmundo Xavier proferia a aula inaugural.

Logo, o primeiro dos nossos pensamentos foi posto ante a memória de Arnaldo Vieira de Carvalho.

Cada um de nós quiz prestar, intimamente e por sua vés, o dever de homenagem imorredoura, ao organizador e primeiro diretor de nossa Faculdade.

Os característicos de nossa Escola nasceram e forjaram-se do próprio espírito de Arnaldo: correto, lúcido, independente, forte, íntegro e alevantado.

Foram como raízes a se arrebentarem de um sólo fértil, do melhor caráter da ciência e do ideal.

De berço pobre e modesto, de início, houve por dar-lhe Arnaldo o batismo do bom nome e um sinal quasi de predestinação.

Pois, foram de ouro inestimável os frutos que vieram.

O organismo dos lares colheu os bens contra os males que afligiam a sua saúde e a sua paz. Enriqueceu-se, também, o mundo cultural de nossa terra.

É que se formou, no fundo, um verdadeiro templo, animado do fogo sagrado do saber e da caridade.

As gerações, todas elas se vinham sucedendo e se plasmando, então, dentro da consciência do seu ofício e da sua fé: não mediam trabalho, renún-

cias, nem mesmo o gasto da vida, pelo progresso e conquistas crescentes da Medicina.

Era tão só a dignificação de um legado de honra. Não podia nunca se deixar de leve escurecer a continuidade da presença espiritual de Arnaldo.

E o tempo correu.

(... sempre iguais os homens, eles tentaram revolucionar as sociedades, as idéias e as técnicas, e mudar a face das cousas e a natureza singela das suas relações, das suas forças e dos seus desejos, num afã de perfeição, de gozo ou de felicidade, mas sempre, irresistivelmente, o esplendor de poucos e a miséria de tantos...)

E, debaixo dos princípios fundamentais de nossa Escola, mestres e alunos continuaram firmes na sua rota, colocando, incessantemente, sua inteligência, seu estudo e a sua tarefa comum, para esse único e maior objetivo: fazer mais florescer de méritos e de glórias, a Faculdade de Medicina de São Paulo!

Hoje, enfim, só pensamos no que somos, naquilo de pequeno que fizemos e no muito que há de vir ainda.

Temos de cumprir a nossa vontade e a nossa esperança.

Prometemos honrar-nos uns aos outros e a nós mesmos!

Prometemos honrar a ciência, a arte e a moral de nossa grande Missão!

Prometemos honrar o passado, o nome e o porvir de nossa Escola!

Prometemos honrar, assim, a Arnaldo Vieira de Carvalho!

## AVISO

A Diretoria do C. A. O. C. tem o prazer de comunicar aos distintos colegas, através do "BISTURI", que fará realizar, oportunamente, uma festa e solenidade, em regosijo pela inauguração do Hospital das Clínicas da Faculdade.

Tal festa será concomitante á posse solene da atual Diretoria do Centro, devendo falar, nessa ocasião, Presidente e o Ló Orador.

Far-se-á, também, a entrega dos ti-

tulos de Sócios-Beneméritos do C. A. O. C. a que fizeram jús o Sr. Dr. Sinésio Rangel Pestana, Diretor Clínico da Santa Casa de Misericórdia, e o Sr. Dr. João Grieco, ilustre fisiólogo pátrio.

Haverá a distribuição de um livro, com o histórico da Faculdade de Medicina, do Hospital das Clínicas e do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", mais um resumo das atividades dos alunos, pré-construção do Hospital das Clínicas.

## Últimas realizações do Centro

A Diretoria do Centro não tem poupado esforços, no sentido de elevar-se cada vés mais o nome dos alunos e o nome da Faculdade.

Ainda nestes primeiros meses de ano-letivo, muito realizou, avultando considerar o que fez em relação ás verbas conseguidas, á remodelação da sua antiga péde, que se destinará a formar salas-de-estar de jogos aos alunos, no que concerne á ótima oportuna aquisição daquela parte constituinte do braço fronteiro esquerdo da Faculdade, em baixo da Biblioteca, cujas diversas dependências constituirão a nova séde social do Centro, com as salas da Diretoria, dos Departamentos, do pessoal da administração sala de recepção.

Foram conseguidos, no Posto da Assistência Municipal, 25 lugares de colocação de alunos, para o serviço de medicina e cirurgia de urgência da Capital, lugares

esses preenchidos sob um critério justo e sem nenhum favor.

O Centro tem comparecido e comparecerá ainda com sugestões dos estudantes de medicina, que devem ser ouvidas pelos leitores da Reforma Geral do Ensino Superior.

Está já asentado o início de uma Campanha, constante de conferências e palestras as mais diversas, de Combate e Profilaxia ás Moléstias Venéreas e Sífilis, e uma Campanha contra o Alcoolismo e de princípios elementares da Alimentação Higiêne.

A Diretoria do Centro indicará, por estes dias, uma Comissão de alunos, de todas as séries do curso médico, que, com ela, irá encarregar-se da ligação com os diretores do Hospital das Clínicas, afim de ser tratada a importantíssima questão dos direitos, reivindicações e deveres dos alunos da Faculdade, bem como papel

## SOBRE O ASSIM CHAMADO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO

JOÃO BELLINE BURZA

—(o)—

Sentimo-nos ainda um pouco desarmados na força e justiça de nossas reflexões, sobre Hospital das Clínicas, no que se refere, particularmente, ao papel que os estudantes da Faculdade irão ali desempenhar.

Primeiro — porque teve mais um sentido simbólico seu ato inaugural; segundo — porque os meios competentes bastante terão de dispender, para o seu completo e necessário equipamento interno; terceiro — porque, só depois das enfermarias e serviços gerais do Hospital se tiverem iniciado e entrado no seu ritmo normal, poderemos verificar, de fato, quais os mistéres e a forma de atividades, desempenharmos, dentro do assim chamado Hospital das Clínicas, "dos alunos" da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Somos, apenas, certos de que duas são as finalidades fundamentais do Hospital das Clínicas: — primeiro) assistência ao doente pobre; segundo) hospital de ensino.

Aliás, tal foi o compromisso firmado pelo Governo do Estado, junto á Missão Rockefeller, quando do contrato das obras do prédio de laboratórios, da Faculdade.

Entretanto, pelo que se percebe se murmura por ai, certas dúvidas e apreensões, infelizmente, nos não visitado. Quer-nos parecer que serviremos de singelos tocadores de flauta de taquara, sem ressonância e sem futuro...

As nossas palavras jamais partiram de motivos pessoais, inda mais agora que visualizamos o término de nosso curso, mas sempre se inspiraram elas nas verdades concientes ao nosso espírito nos interesses ideais comuns.

O nosso desejo sincero é, pois, que o Hospital das Clínicas seja nosso verdadeiro Hospital, onde iremos trabalhar, com a noção das imensas responsabilidades, que devem pesar nos ombros de todo aquele que se propõe abraçar a Medicina.

Nas clínicas de medicina e cirurgia da Santa Casa, as gerações médicas de nossa Escola vêm adquirindo os conhecimentos imprescindíveis e a urgente experiência, para a prática da vida profissional.

Compreendemos que estudar Medicina exige, sobretudo, o exercício e educação de todos os sentidos, como elevação do intelecto dos sentimentos.

Medicina se aprende, vendo, agindo estudando, mais possível; e só assim cumpriremos uma parte menor, do muito que precisaremos fazer, pelo resto de nossos dias.

Diante do complexo e difícil dos fates do momento, nós sentimos crescer, em meio de nossa religião interior e de nossa infatigável luta, esse maior dos lemas, aos homens de qualquer terra de qualquer tempo: — "Para cada um, segundo o seu valor; e para cada um, segundo as suas necessidades!"

que os alunos desempenharão ou de qual gozarão, junto ao mesmo Hospital das Clínicas.

Etc., etc.

## «O BISTURI»

Orgão oficial do Centro Acadêmico  
"Oswaldo Cruz"

Faculdade de Medicina da Universidade  
de São Paulo

—(o)—

(REGISTADO NO DIP)

—(o)—

Diretor: João Belline Burza  
Secretário: José Martins de Barros  
Redator-chefe: Hermelino Herbster Gusmão

—(o)—

Redatores: Palmiro Rocha  
Dulio Chrispim Farina  
Oswaldo Paulo Forattini  
Armando Botter Bernardi

—(o)—

O "BISTURI" aceita colaborações dos colegas da nossa e de outras Faculdades e que poderão ser entregues a qualquer dos Redatores ou endereçadas ao nosso Diretor, João Belline Burza, no Instituto Aché (Avenida Lacerda Franco, 527). Os originais deverão ser escritos à máquina e assinados, mesmo se publicados sob pseudônimo. A Redação não se responsabiliza pelas idéias e opiniões dos seus colaboradores e reserva-se o direito de publicar ou não os artigos recebidos.

## Está em tempo

Para onde caminha a Humanidade? Por que está sendo ela atraída irresistivelmente para o abismo do mal? Não há força que possa deter seus passos?

Interrogações de pessimista exagerado? Não estará vendo o observador cores negras onde tudo é cor-de-rosa? Não estará ouvindo sons sinistros, quando tudo em torno é suave melodia? Não estará tateando chagas onde há uma sã e macia continuidade? Não estará enxergando barrancos e buracos, quando a estrada é segura e conduz a bom sítio?

Talvez sim. E' possível que o observador esteja doente. Mas eu não creio. Estou certo de que o observador tem um fundamento para as suas sombrias indagações. Porque mundo está corrompido. Humanidade mais e mais se vai enterrando num lodagal de miséria porcaria. Choque de sistemas políticos, encontros de religiões que se guerreiam, em lugar de procurar conciliação e, na conciliação, duradoura paz. Paixões desenfreadas bestiais, criando o vasto mundo do crime; ingratidão, egoísmo, avareza, descrença, inimizade. Panorama sombrio deste mundo. Se Leibnitz voltasse à terra, ou dilaceraria a Teodicéia, ou diria, no lugar do que disse: "Estamos pelo pior, dos mundos possíveis." E Voltaire se orgulharia mais ainda de ter criado ironia de Pangloss.

Há superabundância, no mundo de hoje, de

doenças. Doenças do espírito e doenças corporais. E aqui é que ressalta valor da Medicina. Aqui é que aparece grande e nobre missão do Médico.

Aos médicos incumbe sanar. A Humanidade sã, será menos pervertida. A Humanidade sã controlaria melhor suas paixões, reduzindo, senão abolindo, o crime. Evitar as paixões é impossível? Que haja o ensino do seu domínio, coisa que só a Humanidade sã poderia conseguir, é à custa da Medicina. A natureza humana, dizia Pascal, é por si corrupta. Não se deixe podridão minar organismo, tão pouco espírito. E' meta que os médicos devem atingir.

Mas, esta meta atingir é um ponto ideal. Nunca se conseguirá fazer isto totalmente. O esforço global, porém, para conseguí-lo não será inútil. Beneficiará a Humanidade. Mesmo porque, enoja-nos, hoje Justiça, porque é vendida a retalhos por míseros cruzeiros. A Medicina se torna mais e mais mercenária. A ambição provoca a fuga dos gabinetes de estudos dos laboratórios, porque o cifrão manda mais de que tudo. Impera o charlatanismo. Disse alguém que no século vinte reina a mediocridade. Talvez tenha razão.

O médico deve guardar compostura. Manter seu prestígio na sociedade em que vive, para que mereça confiança, respeito e sobretudo dignifique a classe a que pertence. Temos visto, compungidos, noticiários dos jornais com coisas escabrosas sobre médicos o que repercute mal na classe, na sociedade.

"Mas, o que mais nos revoltou foi o fato de um médico do nosso interior distribuir seus cartões de propaganda, estando impressos no anverso os seus atributos no verso uma tabela de jogo do bicho, um jogo que o bom brasileiro repudia condena que não tem beneplácito das autoridades.

É desolador para a classe médica, é profun-

damente desmoralizador, que um indivíduo sem escrúpulos assim proceda.

Urge uma campanha de moralização.

Um dia o observador pessimista talvez mude de opinião. E o século vinte ainda está em tempo de deixar de ser o "século da mediocridade", como disse alguém.

Scharif Kurban

## DEPARTAMENTO FEMININO

A diretoria do Departamento Feminino para 1944 tem o grato prazer de, através do BISTURI, cumprimentar os seus colegas. Agradece à diretoria do C.A.O.C. a boa acolhida e o apoio que vem merecendo e testemunha o seu intuito de colaborar com o Centro em tudo que estiver ao seu alcance.

Iniciando as atividades do novo ano, além do movimento interno, tem a registrar o CHÁ DAS CALOURAS realizado em 30 de março na Casa Anglo-Brasileira, em que foram oficialmente acolhidas as novas estudantes entre as veteranas e que constituiu relevante acontecimento social.

Para o ano de 1944 a diretoria de D. F. ficou assim constituída:

Presidente: Verônica Rapp — Secretária: Maria Luiza Martins — Tesoureira: Sylvia Jorge das Neves — Assistência Social: Gila do Amaral — Estudos: Daisy Nascimento — Ferias: Lucy Brown — Esporte: Mitsu Komatsu — Biblioteca: Denise Altheim — BISTURI: Drina Coelho.

## Moral médica

Falar-se em moral medica para uns é irritante, para outros é estranho. Sim, pois que aos primeiros é lembrar-lhes os deveres propositadamente esquecidos, e os segundos a admiração provem de nem sequer suporem a existência de uma deontologia medica, isto é, ciência dos deveres próprios do médico.

## Pequena tragédia em 45 minutos

Local: Anfiteatro de fisiologia.

Personagens: Pessoal do 1.º ano, ele pur que bacanaço o bando de sapos.

Ele: Hoje os senhores irão ter conhecimento de um assunto muito interessante, aqui no momento me falta a memória, mas aqui eu direi aos senhores assim que ulhaire nesta minha fichinha. Bãin, a fichinha num diz qual é o assunto, mas isto n'um tain importancia.

Vamos raciocinar. Aqui está uma fórmula que eu istudei e agora me há uma fugida de pensamento, mas isto também n'um tain importancia porque os senhores já devem ter estes conhecimentos.

Para que os senhores tenham uma melhor elucidação deste assunto eu vou projetar uns gráficos. Vejam os senhores, este aparelho que os senhores vem (e no quadro está projetado um gráfico não um aparelho) é se usado pur um grande autoire, que n'um me lembro o nome, para virificar a influencia da lagua na vida dos sapos.

(Ele pensa o que parece pensar uns minutos, olha para o quadro e...). Os senhores me desculpem. Isto que ai está num é o tale aparelho. Mas n'um tain importancia. Os senhores observem agora esta formula de muito interesse. Pedem veire varios valores. Aqui está uma letrinha que existe na fórmula mas ninguém (?) sabe qui significa.

Mas, qui eu posso garantir é qui existe uma grande biblioteca par este assunto.

Bãin, eu ia daire mais alguns conhecimentos de importancia aos senhores, mas n'um vou falciare purqui eu tive novamente uma fugidinha da memória e... Nesse instante ouviu-se um grande estrondo... não... não é o que vocês estão pensando... Foi um calouro que estava dormindo e caiu da cadeira. E' excusado dizer que o "mestre" achou de bom alvitre terminar a sua brilhante "taula sobre influencia da luz sobre os animais".

E estamos atrazadíssimos neste ponto. A nossa faculdade que se orgulha de ser uma das melhores da America Latina, uma escola de ciência medica com repercussão mundial em alguns setores, esta nossa faculdade não cuida de ensinar como agir o medico nos multiplos casos de consciência, os quais fatalmente lhe irão ocorrer em sua vida prática. Guia-lo-á nas dificuldades morais futuras sua consciência individual, e todos nós sabemos como varia a "moral particular".

Ora, si houvesse um conhecimento, ainda que rudimentar da deontologia medica, já não mais haveriam aqueles capazes de extranhar o falar-lhes neste assunto. Só restariam os susceptíveis de se irritarem pelo mesmo motivo. E isto já seria um grande progresso, porque errar conscientemente é lamentavel sim, mas é cousa que depende de cada um em particular. Enquanto que o errar por ignorancia, mais que lamentavel, é chocante por verificar-se numa pessoa que tem a obrigação de conhecer seus deveres.

É porque não se concebe um profissional de meritos desconhecedor de suas obrigações morais. Não se pode conceber um medico de valor praticando a eutanasia, ensinando praticas anti-concepcionais ou fazendo abortos criminosos e esterilizações diretas. Numa palavra: é inconcebível um medico integro sem responsabilidade e honestidade profissionais.

E quantos existem que nem sequer suspeitam não possuirem responsabilidade e honestidade profissional...

Como solução deste problema, a formação moral do médico, o ideal seria uma cadeira de deontologia medica. E enquanto não a possuímos procuremos pelo menos conhecer o assunto através a literatura especializada.

Compendio de Moral Medica — Dr. Telésforo Fink.

Problemas morais em pratica hospitalar — Finney P. A., C. M. (em inglês).

Deontologia medica consoante o direito natural — Payen, G..

Elementos de Moral medica — Ab. Trudel.

Compendio de Medicina católica. — Dr. Henri Bon (francês).

## Honra ao mérito

Terminou agora mandato de Gila do Amaral como presidente do Departamento Feminino e não podemos deixar de dizer algumas palavras sobre o que foi trabalho de Gila nestes 2 anos em que esteve dirigindo mesmo

Há 4 anos, por sugestão de Sylvio Grieco, então presidente do C.A.O.C., as moças estudantes se reuniram se organizaram num departamento que visava cuidar dos seus interesses intrínsecos cooperar com o Centro na medida do seu alcance. Mas, de inicio, o Departamento Feminino lutou com dificuldades, mesmo quanto ao reconhecimento perante a diretoria do C.A.O.C., e agora, com impulso que Gila lhe deu, podemos orgulhar-nos de que nas últimas eleições, ambas as chapas, apontaram-no como um dos departamentos do Centro dignos de imitação. E tudo isto graças ao incomensuravel idealismo de Gila que não poupou esforços, boa vontade, energia, nem mesmo a propria bolsa, para engrandecê-lo.

Materialmente temos transformação das nossas instalações, bastante rudimentares, em salas bem mobiliadas acolhedoras que causam inveja áqueles que apenas podem espiar pelas janelinhas! É justo mencionar que recebemos apolo auxilio do Centro para esta reforma, o que porém, não diminui o valor do trabalho insano de Gila para tudo conseguir.

Num ambiente tão propício instalou-se rapidamente também o espírito de união entre as moças estudantes de medicina, tão necessário ao proprio bem estar e uma melhor cooperação com o C.A.O.C. E estão aí varios exemplos do que só pode um grupo de pessoas unidas organizadas: chá das calpuras, já tradição, com qual as veteranas recebem da maneira mais acolhedora possível as novças que ingressam neste templo de ciência; a colaboração relevante prestada ao baile de Maio do C.A.O.C.; o curso de Medicina e Cirurgia de Urgência que marcou época, juntamente com a apostila do mesmo que tem merecido louvores sinceros de todos quantos a conheceram; as aulas de ginecologia; o chá oferecido à dona Beatriz de Almeida Prado, Diretora interna da Organização Feminina Auxiliar de Guerra e que constituiu verdadeiro acontecimento social; o bat-vem!

le organizado em outubro do ano passado, demonstrando que já sabemos dar uma boa festa em moldes amplos.

Gila conseguiu também com grande tacto habilidade congregar em torno de si todo elemento feminino da Faculdade de Medicina para a mais íntima colaboração e as suas extraordinárias realizações serão um exemplo luminoso para as diretorias vindouras.

Verônica Rapp

(Presidente do Departamento Feminino)

## CRIANÇAS INOCENTES

Perdoai-nos, senhores acadêmicos. Nós somos humildes crianças inocentes. Logo ao chegar, pedimos a vossa benção. E a benção veiu, a golpes de tesoura. Mas nós, na nossa candura, não ficamos de mal. Continuamos a amar aqueles que nos ofenderam.

Pedimos depois um pedacinho de pão da sabedoria chiarugiana. E vós mercantelistas este pão. Vendeste-lo por 1300 salgados mangos. Esvaziámos os forros e vos entregamos o que pedistes.

Mas o alimento que nos destes é pesado, indigesto e apresenta no miolo incrustações de mui misteriosa e arcaica etiologia.

Engulimos tudo sem dar muito trabalho aos mastigadores.

Comemos em silêncio e sofremos.

Devido porem a tão grandes injurias, tratos e perturbações digestivas está se formando nas recônditas cavidades, goteiras e canais do nosso subconciente uma massa de consistência fibro-neuro-plasmo-condro-lipovascular, que se não for tratada com todo o carinho pelas vossas mãos caalejadas nas massagens post-mortem, explodirá qual incontinida e vulcânica lava nas cabecinhas loiro-cacheadas das crianças inocentes do ano que vem!

# Professor Alfonso Bovero

Transcorreu no dia 9 do mês em curso, o aniversário de falecimento do Prof. Alfonso Bovero.

Há oito anos, perdia a nossa Escola, um dos seus maiores personagens, que ao lado de Arnaldo Vieira de Carvalho traçaram os alicerces sobre os quais se ergueu e continuará a crescer, o espírito médico e científico de São Paulo.

Se bem que não tivemos a honra de conhece-lo pessoalmente não podemos nos furtar ao dever de, por ocasião da passagem desta data, lembrarmos aqui a sua dupla personalidade de Homem e Cientista.

Bovero foi o prototipo daquele que dedica a sua vida à Ciência ao serviço da Humanidade. Discipulo dileto de Giacomini e Fusari soube, com brilho, continuar a glória que esses nomes conquistaram, trazendo para a nossa então novel Faculdade de Medicina, a semente científica proveniente daquela célebre pleiade de pesquisadores. Esta semente ele soube mais do que ninguém, faze-la germinar entre nós.

Sua intelligencia privilegiada, sua cultura sólida, logo se revelam ao proferir a primeira preleção (25-IV-1914) perante uma assistencia composta de alunos e professores, entre os quais, o próprio Arnaldo. Assistencia essa, cujos componentes não de sempre lem-

brar essa aula inaugural, como a Aula de um Mestre.

Possuidor de uma constancia impar, o seu labor é ininterrupto. Não caberá aqui a enumeração dos seus trabalhos e tudo o que fez em prol da nossa Escola. Basta apenas dizer que, começando com apenas um exemplar da Anatomia de Testut e meio esqueleto desarticulado, conseguiu construir o Departamento de Anatomia, e uma biblioteca própria. A obra de Bovero entre nós, revelou-se de um modo extraordinário durante os últimos 23 anos de sua exemplar existencia, dirigindo também, durante 10 anos, o Departamento de Histologia e Embriologia.

Professor consciencioso, as suas aulas nunca foram improvisadas, guiado pelo único desejo de transmitir aos alunos os grandes conhecimentos de que dispunha, e selecionar aquilo que mais lhes pudesse interessar.

Grande disciplinador, só admitia o estudo da ciência anatomica, sob aquela disciplina que o ambiente austero da Anatomia, exige.

Dotado de um coração tão bondoso que, conciente desse fato, procurava evitar que tentassem abusar, revestindo-se de uma franqueza um tanto rude. Mas essa bondade, não podia ocultar-la completamente, e cedo ou tarde, revelava-se, tornando-se então, para os

seus assistentes e discipulos, um verdadeiro Pai e um precioso guia. Sim, um Pai, encorajando e entusiasmando ao trabalho, e um guia, acompanhando todas as disseccões, lâminas microscópicas, e redações finais.

Como dissemos no início, ele soube fazer germinar a semente, e os frutos colhidos constituem 4 volumes de publicações e um 5.º em preparo, com cerca de uma centena de trabalhos de seus discipulos. Além dos frutos que se continuam colhendo e daqueles que se colherão.

Em consequencia da obra do Mestre, vemos célebres tratadistas e autores, reconhecerem e citarem os nomes dos discipulos de Bovero e o nosso Departamento de Anatomia.

Amava com sinceridade S. Paulo e o Brasil, sua segunda pátria. Não escondia o seu interesse pelas coisas nossas e vivia a nossa vida. Ele mesmo confessava que, ao passar as breves férias em sua terra natal, uma saudade particular da nossa cidade, do nosso Laboratório, da nossa Faculdade, o assaltava e o torturava, do mesmo modo como, quando estava entre nós, essa saudade voltava-se, agora, para o seu país.

A visão e a lembrança do seu Departamento, dos seus assistentes e alunos, o acompanhavam até os últimos instantes de sua vida. Até naquela lenta e dolorosa agonia que tão injustamente sofreu antes de nos deixar para sempre. E assim se apagou aos 65 anos, essa existencia luminosa, essa intelligencia rara, essa vontade ferrea.

Embora com a ventura de termos um sucessor digno do Mestre, não podemos deixar de reconhecer a grande lacuna que esse desaparecimento provocou entre nós.

Mas, já dizia Socrates, “o espirito sobreviverá à matéria”. E disse bem. Alfonso Bovero morreu, mas o seu espirito continua no Departamento de Anatomia da nossa gloriosa Faculdade, guiando e vigilando, as aulas, os métodos de estudo, e os trabalhos.

Professor Alfonso Bovero.

Um símbolo e um nome.

Um símbolo para todos, e um nome que brilha na constelação dos grandes vultos indicando-nos qual o caminho a seguir para o triunfo da Ciência e a Glória da Humanidade.

OSWALDO PAULO FORATTINI

## Sociedade de Endocrinologia e Nutrição dos alunos e ex-alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

(Sob a direção científica do Prof. FRANKLIN A. DE MOURA CAMPOS E DO DR. CYRO CAMARGO NOGUEIRA).

—\*—

### COLEGAS

Participamos aos distintos colegas que está sendo estudada a criação da Sociedade acima mencionada, que reunirá alunos e ex-alunos desta Faculdade.

Contará a mesma com uma diretoria eleita pelos associados e assim constituída:

Presidente  
Vice Presidente  
Secretário  
Tesoureiro

Os socios gozarão dos seguintes direitos:

1.º) Colóquios de Nutrição e Endocrinologia na Faculdade e na Santa Casa, em turmas de 20.

2.º) Executar as técnicas de laboratório mais correntes nessas especialidades, tais como: dosagens de hormônios, bioquímica do sangue e urina, etc. na medida das possibilidades da Sociedade.

3.º) Será distribuída gratuitamente aos socios uma revista trimestral mimeografada com a colaboração dos proprios associados.

4.º) Dirigir-se ao Conselho Consultivo da Sociedade, pedindo esclarecimentos sobre questões relacionadas à Endocrinologia e Nutrição, assim como indicações bibliograficas.

5.º) Serão desenvolvidos Cursos de Férias.

6.º) Haverá mensalmente uma reunião, onde serão expostos temas por associados ou convidados.

7.º) A Sociedade organizará uma biblioteca, a qual ficará à disposição dos associados.

Serão socios os academicos e ex-alunos, mediante a mensalidade de Cr. \$3,00 e Cr. \$5,00 respectivamente.

Informações mais detalhadas, serão fornecidas no Departamento de Fisiologia e com os alunos Ulisses A. Silva do 3.º ano e Reynaldo Paschoal Russo do 2.º ano.

Convidamos a todos os interessados a se reunirem no dia 4 de Maio de 1944 às 16,30 horas no Anfiteatro de Fisiologia.

## «O BISTURI»

É com o maior prazer que publicamos o seguinte artigo, de autoria do Dr. Luiz Oriente, sob cuja direção viveu o “Bisturi” uma de suas fases mais brilhantes e produtivas.

—\*—

### “O BISTURI”

Concidado pelo meu diléto amigo, João Belline Burza, para escrever algo nas páginas do “Bisturi”, nesta edição especial, em homenagem à nova fase do C.A.O.C., confesso que me sinto bastante estranho para fazê-lo.

Si accedo, é para dirigir aos bravos estudantes que mourejam nesse jornal, palavras de estímulo e de encorajamento, nesse esforço titânico que é o de escrever-revêr-páginas... e por fim, como premio, receber “frias pauladas” de colegas frios e indiferentes que leram e depois sorriram ou choraram “em surdina”.

Não venho também falar de alguns “colaboradores” em que o bom senso devendo superar a sua vaidade, deixam os às soltas, fazendo-os ignorar, coitados, que suas palavras, suas expressões, nem sempre correspondem à “grandeza” de seus pensamentos...

Para tal evitar, seria de toda a conveniencia que o “Bisturi” mantivesse uma sessão de dura censura, olho sempre pôsto, nesses escribas de ultima hora...

Entanto, para não retomar velhos hábitos, aqui não quero falar destes ou daqueles. O fato é que se devem reunir os capazes e embora à custa de quantos sacrificios forem, conjugar seus esforços e empreender algo que torne imorredouro esse jornal que representa bem um elo entre as varias gerações de estudantes.

Das gerações de Gil Spilborghs e João Marques de Castro — quando ele foi fundado — às de Orlando de Campos, até às atuais!

Tornar o “Bisturi”, o real portavoz dos interesses dos academicos divertí-los a um tempo, mas de modo que exprima bem suas opiniões livres e independentes; combatendo sempre o bom combate, sem irritar, sem incendiar odios, nem ministrar venenos contra quem quer que seja — esse deve ser o lema dos que o dirigem.

É pois dever imperioso, uma obrigação de honra que pesa sobre os hombros das gerações atuais e vindouras — a perpetuação do “Bisturi”, que tem em sua historia, tradições belas e vitorias brilhantes! Esse “Bisturi” que iniciou e sustentou febrilmente, em meu tempo, a campanha pró-construção do Hospital das Clínicas, já prestes a funcionar!

E não se arreceiem da critica, os que escrevem. Porque, lembrem-se, que são quasi sempre os hipochondriacos e os despeitados que fazem critica!

Avante sempre, jovens, na luta e no esforço — mesmo quando estiverem certos que as garrochas do sarcasmo serão o galardão que irão receber em troca desta luta e deste esforço!

E, eu, agradecendo de coração, ao atual diretor, o convite gentil que me fez para “colaborar”, lamento que não o pudesse atender — por iso que é mister difícil para qualquer um, escrever num jornal academico, quando já fóra da academia.

Contudo, redigindo estas palavras, que tiveram ao menos a intenção de ser “estimulantes”, aos jovens redatores do “Bisturi”, senti grande satisfação, porque volvi um pouco o olhar para o passado, ainda recente! E pude contemplar tranquilo e alegre, o curso de minhas atividades de outróra, quando também era estudante de medicina e diretor do “Bisturi”.

Lembrando agora, as duras lutas para que não percesse o nosso querido jornal, olho para aqueles tempos, com olhar velado pelo sentimento e pela saudade! E tenho então, a sensação do viajante que partindo ha algum tempo da sua casa, parou, em meio da estrada, e voltando para olhar, da encosta, o passado, descobre um pouco daquilo que foi muito da sua vida!

E tenho saudade daquela boêmia, bôa e saudosa dos tempos, de estudante, daqueles tempos em que o Clemente, (tambem redator do “Bisturi”) magro e esqualido, ao sair da Faculdade, disse como um poeta paraibano “levo desta escola, na magra carcassa, o pergaminho singular da pele, e o choocalho fatidico dos ossos.”

Agradeçido, amigo Burza, e felicidades na cargo que agora ocupa com raro brilhantismo.

L. O.

## Piparotes

### Bomba

Advertencia consoladora para o soldado em guerra. Si uma bomba explode e não sentes o rombo, quer isto dizer que ela não era para ti; e si é para ti é muito provavel que não sintas o rombo. Donde, podes estar tranquilo...

—\*—

### Critica

E' uma coisa que pode ser evitada em não se dizendo nada, nada fazendo e não sendo nada.

J. Garland Pollard

—\*—

Quando um homem, após haver ensinado coisas que não sabe a um outro que não possui nenhum geito para aprender, confere a este ultimo um diploma ou uma laurea, diz-se que este segundo individuo completou a sua educação de homem de bem.

B. Shavo

—\*—

O que eles dizem da Medicina:

...é a arte que ensina a assassinar.

F. de Quevedo

—\*—

... é a arte de se acompanhar com palavras gregas á extrema morada.

Pittigilli

—\*—

▲ Medicina consiste em se introdu-

zir drogas que não se conhecem em um corpo que se conhece ainda menos.

Voltaire

—\*—

...é uma arte que vem sendo exercitada enquanto espera ser descoberta.

E. Deschamps

—\*—

A farmacia homeopática é o protestantismo da Medicina.

Goncourt

—\*—

O que eles pensam dos Médicos: Os médicos são afortunados: os seus sucessos brilham ao sol e... a terra cobre os seus erros.

Montaigne

—\*—

Quando o filho de Esculápio não sabe mais o que fazer com o seu paciente, manda-o às favas, com uma longa receita, que é simplesmente uma carta de recomendação ao Destino.

H. Heine

—\*—

Os sábios são, afinal de contas, homens. Estão impregnados pelos preconceitos do meio e do seu tempo. Crêm, de bôa vontade, que não existe aquilo que as teorias correntes não explicam.

A. Cervel

(“o homem, esse desconhecido”)

CATANDUVA!

CATANDUVA! Nunca mais te esqueceremos na tua bela simplicidade, na tua meiguice de cidade menininha-moça!

Iamos rumo a ti, cheios de esperança na emocionante expectativa de arduas pelepas esportivas. Longe dos horripilantes objetos de tortura, (livros e professores) longe dos sofrimentos presenciados diariamente nas enfermarias, fugindo do pavoroso presente, encontramos na amizade de teu povo uma sombra acolhedora.

Sorvemos devagarinho com o olhar as tuas maravilhas e podemos enfim, dando vasão a nossos corações de moços, deixar ecoar sobre teus campos floridos nosso canto de alegria, como vagas de harmonia que se derramam na suntuosa catedral da natureza.

Deixamos aqui ao senhor doutor Alfredo Issa que nos proporcionou esta viagem encantada e ao bom povo de Catanduva os agradecimentos mais sinceros.

Queremos lembrar alguns incidentes havidos com os colegas, esperando que ao conta-los não se revoltem contra quem os escreve (sic.).

O primeiro ce de cinzano ingerido pelo Taquara-Oca, causou verdadeiro pânico entre os componentes da caravana. Desmerecendo a fama de virtude e santidade tão cantada na Faculdade, saiu de braço dado com o Calourão, tropeçando pelas pedras do caminho, com ataques tempestuosos de riso e choro. Desaparecendo da circulação, foi ao encontro de aventuras terminantemente proibidas por Buda. Si a austera figura do patriarca Abreu, com sua ameaçadora barba não tivesse surgido, teríamos presenciado certamente um “hara-kiri” em boas condições. O Junqueirão impossibilitado de continuar em sua destruidora faina passou o resto da noite a cantar como galo e a banhar o Paulinho.

Não podemos deixar de comentar a atitude fria, calculista e cruel do Musa que depanando uns patos cevados, pretende abrir uns chalets no hospital das Clinicas e na Faculdade!

Recomendamos cuidado com este perigoso pré-esculapio que cobrou ao Rufino \$20,00 para retirar um cisco do olho.

A dupla Pinta-Tranca após rumorosa aventura no cemiterio local, foi obrigada a se separar devido a certa creatura. Coitado do Tranca teve que fugir de Avião! Coitado do Pinta, passou a noite a aumentar as águas do rio com... lágrimas copiosas. Mas não falemos mal dele pois o estacionamento era permitido.

Triste foi a viagem de volta. Lamentos, suspiros, lágrimas e lamurias dos outros que viajaram em pé. Saudades de morenas tropicais tão distantes... he Juliô...!

Somente o Mauro estava feliz porque fôra previdente. Tomara Stomakon, e com seu novo estomago de avestruz digeriu um bucho a viagem toda. Ao chegar em São Paulo teve porem a desventura de apresenta-la ao grande conquistador Lion e até hoje o vemos em busca de serrotes. Pobre ingenuo, não sabia que as caravanas da Faculdade transformam os cordeirinhos em Lions famintos...

COCHILOS

Dos tres maiores flagelos do homem — a fome, a peste e a guerra — o alcool é o peor de todos.

(Aula do Dr. Amado da Medicina Legal)

— \* —

NA AULA PRÁTICA DE GINECOLOGIA

Fadul — Quando teve a sra. a última menstruação?

A doente — No dia de Natal

Fadul — De que mez?...

A reforma e os alunos

Após trabalhos exaustivos, discussões inflamadas, observações profundas, análises bem orientadas, o sr. Dr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação Saúde Pública, auxiliado pelos nomes mais ilustres de nossas Faculdades, idealizou conseguiu dar formas à tão propalada reforma do ensino médico brasileiro. Entretanto, mesmo uma reforma bem orientada, como todo movimento revolucionário ou renovador, determina certos desequilíbrios, afastamentos do normal, estados patológicos sociais, que somente ação curativa do tempo poderá sanar, havendo após um período mais ou menos longo, o retorno ao estado normal, à estabilização. Este período, compreendido entre a implantação da reforma estabilização, traz grandes benefícios à sociedade renovada, desde que, todas as questões surgidas sejam tratadas com a devida justiça consciência de um espírito crítico lúcido, que conhecendo todos os detalhes dificuldades do problema, consiga desbravar sua causa primeira.

Previendo uma consequência de tal reforma, poderíamos perguntar: tratá a reforma do ensino médico brasileiro benefícios para os alunos?

E, aqui fica, em sinal de protesto: desde que, ensino médico é condicionado por duas partes, ambas interessadas na resolução do assunto, não vejo razão alguma, para que apenas uma delas seja consultada — professores —, e os alunos, como sempre, sejam postos de lado, completamente esquecidos. Mas, no estado atual das coisas, isto é facilmente explicável. Observando-se estudando-se, mesmo superficialmente, a mentalidade do estudante da nossa Faculdade, não seria difícil chegar à conclusão de que ele há muito tempo deixou de possuir característica reacionária, tão natural da modade estudantina paulista, comportando-se como um elemento passivo, como um simples espectador diante dos absurdos dos nossos mestres. E essa grande sociedade estudantina, como todo grupo social, não deixa de ter uma consciência coletiva, possuidora de uma força extraordinária, superior, que, bem dirigida, alcançaria grandes e úteis finalidades. Porém, penso eu, que a Faculdade de Medicina de São Paulo, é destituída de tal consciência coletiva, ou se a possui, é como que uma alma inteiramente desprovida de força, de solidariedade, de sabor reacionário, que pode muito bem ser qualificada por uma expressão divulgada nos meios universitários — “consciência ou alma de carneiro”.

Voltando ao assunto, perguntaríamos: como se comportarão os mestres diante de tal reforma?

Quanto à essência da reforma nada digo, porque não tenho a capacidade suficiente não sou técnico no assunto para esboçar uma crítica bem fundamentada. Entretanto, lançando minha modesta opinião, deixo um voto de louvor a este conselho de técnicos que engrandeceu valor das cadeiras de Clínica, embora tenha sido um tanto injusto com algumas cátedras do curso fundamental.

Porem, meus colegas, penso que deveria haver antes, uma reforma, uma adaptação de nossos mestres e da nossa escola aos dias em que vivemos, para depois haver renovação do ensino médico.

Os alunos nunca serão beneficiados, desde que permaneçam as seguintes irregularidades:

1) Os responsáveis por determinados departamentos, que tiveram diminuídos (embora de uma maneira injustificável) os seus respectivos períodos escolares, persistirem em dar os cursos com a mesma profundidade e exatidão de particularidades. Contra eles poderíamos lançar as próprias palavras do Conselho Administrativo da nossa Escola: “O papel das Faculdades Médicas não é formar prematuramente técnicos especializados, mas de formar médicos, que serão mais tarde, de acordo com os seus pendores vocacionais, especialistas em tal ou qual distrito da clínica ou patologia”.

“Como estão as coisas atualmente, aluno não tem tempo para a frequentação útil de todas as cadeiras a que está obrigado pelo regulamento”... “O que é necessário corrigir é o conflito entre a escassez do tempo e a orientação que se deve dar cada uma das cadeiras...”

2) O desleixo de certos professores pelas

cadeiras, usando pomposo nome de Professor Catedrático da Faculdade de Medicina de São Paulo, apenas como meio de aumentar a clinica particular.

3) A tão discutida questão do horário da biblioteca, que coincide com período de aulas.

4) Os nossos professores, incluindo-se aqui, catedráticos assistentes, deveriam dar mais valor à parte didática das aulas: qualidades de exposição, enunciação clara do pensamento, expressão verbal simples sintética, procurando despertar interesse guiar os alunos nos estudos futuros. O que se observa é desinteresse por esta parte didática demonstrado por muitos deles.

5) O fato de certos Departamentos, apontados pela Diretoria da Faculdade, permanecerem na posição inflexível de não permitir estudo teórico-prático nos seus laboratórios em períodos extraordinários que não coincidem com as horas de estudo de outras cadeiras.

Desde que, estas outras irregularidades fossem sanadas, alcançaríamos o ideal de BURNET: “ensino básico para formação do médico base, isto é, do médico com os conhecimentos indispensáveis ao exercicio normal da profissão, resolvendo em parte problema social dos inadaptados à carreira.

LAERTES FERRÃO

OS ALUNOS E O HOSPITAL DE CLINICAS

“O Hospital das Clinicas vae entrar em funcionamento na 2.a quinzena deste mês.

A Faculdade de Medicina de São Paulo estará assim preparada para formar grandes notabilidades médicas, pois o curso básico que ali é ministrado nada deixa a desejar e, agora, com o funcionamento do hospital, tudo se completa.

Terão os nossos moços um campo vastissimo para aprender a mais bela, a mais nobre de quantas profissões existem — a medicina”.

Estavamos, como todo bom paulistano, pacientemente esperando numa fila a nossa vez de tomar o onibus, quando ouvimos alguém dizer o que se lê acima.

Ficamos então pensando naquelas palavras que ouvimos.

Muito bem. O Hospital das Clinicas vae começar a funcionar! E’ a ultima palavra em materia de conforto.

Depois surgiu a nós esta pergunta: qual será a nossa situação, a de estudante, dentro daquele grande edificio?

Fala-se da Escola de Enfermagem que lá existe. Fala-se do concurso para medicos internos. E dos estudantes, que se ouve dizer?

Dizem uns, que terminado o periodo de aula regulamentar, os alunos não poderão permanecer por mais tempo nas enfermarias.

Afirmam outros que estudante lá é substantivo abstrato. Na verdade, tudo isso não passa de palpito, pois, ao que nos consta, nada de oficial foi resolvido a esse respeito.

Todavia, temos cá as nossas desconfianças.

Por falar em estudantes, soubermos que, não faz muito tempo, três colegas nossos, alunos que já frequentam enfermarias, pretenderam fazer uma visita a um determinado departamento do Hospital das Clinicas.

Dirigiram-se para lá e logo à porta principal foram interpelados pela porteira, que lhes disse ser necessario obter uma ordem, por escrito, de um tal Dr. Enéas, para que pudessem chegar até o local desejado.

Estranhando o fato, pois muita gente tem visitado o hospital, eles, como alunos que eram da Faculdade, acharam que não haveria mal algum em visitar aquilo que pertence à mesma Faculdade.

Esperaram que a porteira tomasse o elevador e fosse falar ao Dr. Enéas.

Depois de alguns minutos de espera, voltou a funcionária para dizer a eles que não era permitida a visita, que os alunos não podiam entrar no hospital.

Imagina só! Os alunos não podem nem entrar no hospital, que foi construido para a Faculdade, para nós.

Será necessario fazer-se qualquer comentário a este respeito?

Bem dissemos que tinhamos as nossas desconfianças.

Estamos certos de que o C.A.O.C irá se manifestar oportunamente, com mão firme e segura, para colocar os seus associados, alunos da Faculdade, na posição que lhes está reservada por direito.

Disso estamos certos.

Esperemos e vejamos.

JOE

CLUBE DOS CHATOS DOMESTICOS

A Assembléa Geral do C. C. D. reunida em um dia do mês de Março p.p., à sombra das frondosas palmeiras que circundam o “Lago da Sabedoria”, deliberou:

1.0) Considerando:

- a) Os elevados e inegaláveis dotes chatíficos,
- b) Os inestimáveis serviços prestados à nobre causa da chateação pelo colega Reynaldo Paschoal Russo, escolhe-lo por unanimidade para o elevado cargo de presidente do clube.

2.0) Empossar imediatamente o novo presidente.

3.0) Considerar como condição “sine qua non” para a admissão a socio do clube, o ser reconhecido como chato ao menos por 25% dos alunos da Faculdade.

4.0) Considerar como em condições de fazer parte da diretoria, os sócios reconhecidos como chatos no minimo por 50 % dos colegas.

5.0) Considerando o notavel incremento dado às atividades do clube, durante a gestão da Diretoria que ora encerra brilhantemente suas atividades, conferir ao presidente da mesma,

o colega Vitor Pereira, o título de presidente honorário.

Encerrada, a Assembléa, o novo presidente, sob aplausos gerais deu a conhecer os nomes dos demais companheiros de diretoria.

Presidente — Reynaldo Paschoal Russo — Vice-Presidente — Flertes Nebó — Secretário-Geral — Oswaldo Montesanti — Diretor Social — Carlos Zindel — Chefe de Cerimonial — Joaquim Lourenço — Mordomo-Mór — Silvio Laurindo — Grande-Lavador de Pratos — René Lima Yazaky — Coordenador das Relações Inter-Chatos — Domingos Labate — Encarregado dos Negócios Estrangeiros — José Colarile.

Não havendo mais cargos na diretoria, conferir os seguintes títulos honoríficos:

Gran-Cruz da Ordem dos Chatos — Nilo Foschi.

Insígnia da Vitória sobre a Pomada Mercurial — Orlando Góes de M. Comenda-Maior da Ordem dos Chatos Senis — Roberto Velloso, o O VELHO.

Comenda-Menor da Ordem dos Chatos Senis — Romeu Fontana-raes. (Fotinho)

## IMPRÓPRIO PARA MENORES...

Oh musa! Quero me inspirar,  
Para cumprir trabalho insano,  
Que é o de apresentar,  
Os componentes deste 2.º ano.

Vou começar com a Vera,  
E sem dizer nenhum disparate,  
Posso com segurança afirmar,  
Que ela tem um "Sorriso Colgate".

Nas aulas de Microbiologia  
em asseverar não temo:  
Quem dá maiores "fóras"  
É, sem dúvida, Remo.

Dos fósseis não posso esquecer,  
Vivem torrando Anatomia,  
Refiro-me ao Fausto ao Micksian,  
Que já são um caso de Patologia.

Então, grande Kurban  
Voltou à ativa, hein!  
Veio bonito como sempre,  
Com cara de Frankenstein.

O Fetinho foi para Juqueri  
A fim de as férias passar  
Apesar disso não conseguiu,  
Nem um mm. ornamentar.

Um grande e terrível boato,  
Andou por aí a correr:  
A barba do Jazaki,  
Começou enfim a crescer!

Na turma temos os cientistas (???)  
De Anatomia bela (???)  
Devo porém dizer que,  
São resquíctos da Panela.

Porque nas aulas; dos 3 mosqueteiros,  
(Mattar, Américo e Ubajára)  
Os dois últimos dormem na frente,  
E baixinho, só no alto para?

O Meira gritou altivo:  
"Viva quem tem bigode!"  
Concluindo com voz solene:  
"Quem tem cavanhaque, é bode!"

Fauzi, diga a verdade,  
Ao cobrar a taxa de caulouro,  
Não rendeu para você  
Também, um pouco de ouro?

E aqui vou terminar,  
Esta triste apresentação,  
Mas não demorarei muito,  
A estar de novo, em ação.

JUDAS SALAMALEK

## O PODER DA FÉ

EM 1940, na passagem comemorativa de seu aniversário, resolveu a A. D. Floresta premiar seus remadores, para isso organizou uma série de pareos internos com valiosos prêmios a vencidos e vencedores. Todavia, sua aguerrida yole à S. treinada durante 6 meses não encontrou adversário. O impasse foi resolvido uma semana antes, convidando-se a turma do CAOC. Treinamos apenas 3 vezes e nunca com a mesma organização; evidentemente o nosso barco não era o melhor, e para cúmulo do azar no dia da prova o Trapé desapareceu e o sorteio da raia nos foi contrário. Tudo indicava uma derrota; mas o desculido fatal da A.D.F. foi mostrar-nos os prêmios antes do pareo. Para cada remador uma estatueta de 60 cms. de altura.

O larga foi dado sob tremenda tensão nervosa. Saímos péssimamente devido ao desconjuntado e o adversário abrindo alguns metros de luz assim se manteve até os 700 metros, quando num esforço hercúleo com eles emparelhamos. Deram a virada, mas a nossa foi mais violenta, e sob os berros desordenados dum patrão entusiasmado, arritimicamente iam e vinham, extenuados e alagados em suor, aqueles 8 bravos enfurecidos, defendendo a glória de M verde e a posse

# Homenagem do 1.º ano ao Professor Bovero

Numa demonstração de sentimentos adquiridos desde os primeiros momentos de vida como estudante de medicina, os alunos do 1.º ano prestaram no dia 10 de Abril p. p. uma homenagem póstuma ao grande professor Bovero.

O professor Renato Lochi, seus assistentes e os alunos acercaram-se reverenciosamente e religiosamente do busto do velho e inesquecível Mestre, tendo então lugar palavras cheias de emoção do nosso professor de Anatomia, numa análise rápida da personalidade de Bovero, salientando a sua bondade e o valor de sua grande alma.

Em seguida o primeiroanista Armando Botter Bernardi pronunciou, em nome de sua turma, como um culto ao professor inesquecível, um discurso no qual exteriorizou a impressão profunda que lhe foi causada pelo exame da biografia do admirável ex-catedrático que durante 30 anos se impoz à admiração de todos.

Afirmando que o culto que naquele momento se prestava deveria ser um

culto em silêncio, traçou sumariamente os característicos predominantes do espírito do homenageado, transmitindo mesmo alguns dados colhidos entre auxiliares antigos do laboratório de Anatomia e da Escola.

Referindo-se ao convite feito a Bovero por Armando Vieira de Carvalho já há tanto tempo e sempre recordado, lembra que é impressionante o exame da gigantesca atividade científica daquele que é um verdadeiro símbolo em nossa Faculdade.

Em seguida, referindo-se à morte do homenageado em sua longínqua terra natal, citando palavras de sua biografia escrita pelo professor Renato Lochi, oferta em nome do 1.º ano uma corôa de flores terminando assim a oração.

Após este ato o professor Renato Lochi manifestou, emocionado, o desejo de uma cópia do discurso para transmitir, quando possível, à família do professor Bovero, a homenagem da nova turma de alunos de nossa Escola.

## O chá das «calouras»

Desde cedo, grandes rumores.

Furtivas olhadelas ao espelho para ver si os cachos permanecem firmes no lugar.

E, às 16 horas, grandes desfiles rumo ao Mappin, às barbas do "seu" Calixto, que, enternecido, vê passar endomingadas a gosto, as vítimas das suas teias de aranha. O Bombonzinho também nos viu, mas, sem geito, abriu e fechou a porta de um carro verde, para dizer que era dêle; afinal aquilo também não era ônibus.

Suave compressão no elevador, que não motivou estragos dignos de nota.

Sala à parte. Cortinas verdes, bandeirola verde e nesta verdura, Verônica, amavel e tremulante.

Espera-se quem falta... À medida que pinga o pessoal, observa-se a mesa e meu coração se derrete diante dos bolinhos. Tenho a alma sensível aos glicides.

Enfim nossa Presidente dá o sinal festivo. Agarra-se um assento uma vez fincadas as tuberosidades, começa-se o ataque. Anorexia ninguém tem. Os bolinhos desaparecem friamente.

Início um esplêndido sorvete, mas devo deixar a lambida para o próximo numero. É Verônica, de pé, que saúda a calourada. Esta sorri e passa por todas as côres do arco-íris. A oradora prefere ficar no rosa, e rosa continuará até o fim, sempre prodigalizando amabilidades. Palmas! Que júbilo,

grudo na colher. Senhor, que fiz eu para sofrer tanto? Uma dama se levanta e saúda todo o mundo em nome da União. Novas palmas. Um sorriso entreabre minhas arcadas dentárias; agora "êlé" é meu! Mas como não tinha pensado no Burza?

A montanha já é colina... O Burza se expande, elogia, agradece, etc. Muitas palmas (as minhas frenéticas, com ligeiro Hy). Olho para o tal. Completo amolecimento, graças a Deus que não patológico. Como não era possível um "restitucio ad sólidum", o ingeri assim mesmo. Quasi engasgo no fim, Verônica se relevanta e agradece os agradecimentos do agradecido Burza.

E si este agradecer os agradecimentos dos seus agradecimentos? Nada disso, porém, e tudo volta à paz. As calouras criam geito, a Vera conta piadas de enrubecer, a Drina, serena, controla os salgadinhos, o "garçon", si não diz, pelo menos lança olhares de quem regorgita: "Deem o pira, já estão enchendo".

E, "d'embrée", a macacada estica o físico dado pela natureza e reeditado com melhoramentos.

Sorrisos, flexão de algumas partes esqueléticas, apertão em outras da Verônica, que triunfa, sempre rosada e feliz.

E lá fora, a fila, em graciosas alças intestinais.

Salles Cilato

# O fantasma da anatomia

É dia de dissecação,  
No Departamento de Anatomia,  
Os alunos estão a postos,  
E "bitam" à valentia.

da estatueta. Vencemos, e essa guarnição formada por Fadul, Brotto, Vasco, Martinez, Danilo, Tiago, Dias e Campanelli passou a ser a guarnição oficial do Club.

Dêles a maioria já concluiu o curso, restam apenas alguns que ainda tentam insuflar no meio de nossos colegas entusiasmo e coragem para a próxima Mac-Med.

Consequimos repetir contra o tradicional e forte rival feito semelhante? A Tradição, a Boa-Vontade e a Abnegação dizem que sim; e, que é que dizem nossos colegas?

Eis porém que todos tremem,  
Em cada face o pavor se agita,  
Entra um sinistro personagem,  
Tipo de vilão de fita.

De bisturi tesoura na mão,  
Grita em macabro tom:  
"As alunos dissecar non saper!  
Oooh! Esto non estar pom!!"

E sem escrupulo começa a cortar,  
Lá se vão, nervo, músculo e tendão,  
E da peça só osso fica,  
No fim da triste dissecação.

Identificar essa personagem,  
Muito difícil não é,  
Usa óculos na testa,  
E seu nome começa em B...

## SELETA

Por Mauricio Éolo

Quem não sabe e não sabe que não sabe, é um louco — foge dele.

Quem não sabe e sabe que não sabe, é humilde — ensina-o.

Quem sabe e não sabe que sabe, está durmindo — acorda-o.

Quem sabe e sabe que sabe é um sábio — segue-o.

"Al-Koran"

— \* —

Quando o humorismo quer existir, mas não existe, chama-se respeitosa-mente: humorismo fino.

"Pitigrilli"

— \* —

Fecham-se os loucos dentro de uma casa para dar a entender que os que ficaram de fóra são ajuizados.

"Chesterton"

— \* —

Si para causar a morte e herdar de um homem fabulosamente rico, que nunca vimos, de quem jamais ouvimos falar e que vive no fundo de uma provincia remota da China, bastasse agitar uma campainha, quem de nós seria capaz de não fazê-lo?

"Rousseau"

— \* —

Investigar sobre o passado amoroso de uma mulher é tão imprudente quanto entrarmos na cosinha de um restaurante antes de nos asentarmos à mesa.

"Pitigrilli"

— \* —

Somos todos criaturas feitas de fraquezas e de erros. Perdoe-mo-nos reciprocamente as nossas imperfeições, pois é essa a primeira lei da natureza.

"Voltaire"

— \* —

Quando a colera ou o amor nos visita, a razão se despede.

— \* —

O fim do amor é como o fim do mundo: simplesmente imprevisível.

— \* —

The year rush down the stream and do not return...

## Reminiscencias Artísticas do Rafael "Cereja"

O Rafael, o mesmo Rafael "Cereja" que hoje digna com a sua presença o 2.º ano, foi antes de entrar para a Faculdade, uma das maiores expressões artísticas do universo. Esteve nos maiores centros de cultura do mundo. Teve grandes desempenhos na sua curta carreira, arrebatando plateias com a sua arte inexcédível.

Uma das suas maiores criações foi a de touro, na "Carmen" de Bizet. Jamais houve touro igual. Outra de que nos lembramos saudosos é a de Gorila, na grande obra de Poe, "O duplo assassinato da rua Morgue".

Da obra Shakesperiana, empolgou no papel de caveira em "Hamlet".

Quando dansou (pois ele também dansa) em São Petersburgo, a plateia delirou, ao vê-lo na "Dansa Macabra" de Saint-Saens. Foi o único que então, não usou máscara.

Em Hollywood, trabalhou em filmes de guerra, fazendo sempre o papel de canhão.

Atingiu o climax dos seus desempenhos cinematográficos, fazendo de mastodonte em "O despertar do mundo".

Apesar de todos os sucessos, de uma hora para outra decidiu-se pela Medicina. Quiz deixar a carreira no momento em que atingiu o apogeu. Não conheceu assim, insucessos.

Despediu-se das cultas plateias de todo mundo brilhando em "Aida". Apareceu então como uma grande pirâmide, de grande efeito cenico.

Grande "Cereja", os nossos votos de que brilhe na Medicina, como brilhou nos palcos do universo.

## RECEPÇÃO AS CALOURAS

Plena de real graça e raro brilho foi a recepção das moças alunas da Faculdade às suas novas colegas entrantes.

Reunindo-se à tarde do dia 30 de março findo, em um dos salões de chá da Casa Anglo-Brasileira, houve por bem o Departamento Feminino do C.A.O.C. demonstrar, principalmente, o alto e belo espírito de irmandade que anima a todas as estudantes de nossa Escola.

Diante da mór parte das veteranas, as calouras compareceram assim incorporadas: Heda Arminante, Derma Reichardt, Maria Aparecida Barros Ferraz, Mia May Juliani, Noemy Churgium, Dalva Deusa Monte, Elza Dias, Scylla Duarte e Norma Barros da Silveira.

Como convidados especiais, estiveram também presentes a sra. dra. Maria de Lourdes Pedrosa, representante da União Universitária Feminina, e João Belline Burza, pela Diretoria do C.A.O.C.

Ao ágape, fez-se primeiramente ouvir a dda. Verônica Rapp, Presidente do Departamento Feminino, que proferiu expressiva oração de boas-vindas às suas novas companheiras.

Proferiram ainda algumas palavras a representante da União Universitária Feminina e o 1.º Orador do Centro.

Festivo e alegre foi o transcórre de toda a reunião.

Bem haja o Departamento Feminino!

## HISTÓRIA DE UM SORRISO

Estávamos no outono. Resolvi, certa manhã, visitar uns parentes que moram perto de casa. Nesse dia o sol permaneceu encoberto, dando um aspecto triste a tudo. Ia eu conversando com um amigo a respeito de mil nadas. Uma grande indiferença prendia-me àquela conversação, meu espírito sentia naqueles momentos, dilatados, todo peso dos revêzes sofridos na vida.

Lembrava-me, ainda que incompletamente, das desilusões sofridas, das doenças, de minha insignificância. Era penosa a situação. Procurava ocultar de meu amigo aquela agonia indefinível.

Ao meio do caminho, quando desciamos uma avenida de regular movimento, qualquér coisa, inesperada, modificou por completo minha grande indiferença. Num onibus, que caminhava em sentido oposto ao que seguíamos, divisei, numa das janelas, dois olhos negros e um sorriso que à mim estavam dirigidos. Era uma bela morena que no passado já fôra o objeto de minha afeição.

Saudamo-nos. E o onibus continuou apressado o seu caminho, — indiferente ao meu coração.

Sorrisos há, que conseguem nos transmitir altas voltagens de energia, que nos sustentam através as agruras da vida. São como a luz do sol numa esplendida manhã de primavera.

Daquele momento em diante sentime rejuvenescido, novamente disposto a tudo. Não sei si meu amigo interior-se de minha brusca transformação, passei a conversar com prazer, tornei-me bem humorado.

Entretanto, assim com o sol aparece no nascente para elevar-se até o zenith, depois descer até desaparecer no poente, assim também aquele — sorriso gerou-me um máximo de energia, a qual se desfez, aos poucos, até apagar-se de encontro ao nada.

Essa energia, infelizmente, não foi renovada.

E esse sorriso, que chegou mesmo a crear uma história, bem que poderia ter sido zombeteiro. Quem o dirá?...

OSMIR

## Espetáculo em 3 atos

São 13 horas de um desses dias intermináveis, em que o calor senegalesco nos faz molhar a roupa de suor.

A frequência obrigatória faz com que minhas pernas arrastem até à Faculdade, este corpo que preferia antes estar esticado em uma boa cama, a apoiar as velhas tuberosidades isquiáticas sobre os bancos duros das salas de aulas.

Atravesso o portão que dá entrada para o jardim, rumo à porta principal.

O sol me faz ver tudo tremulando, até mesmo o busto inflexível do velho sempre querido Arnaldo. Transponho a grande porta e o ar fresco que enche os longos corredôres da magestosa escola, vem ao meu encontro, dando-me uma sensação de bem estar.

Desço ao porão e, num canto onde pouca luz existe, vejo uma coisa de forma arredondada, de cor pardacenta, contrastando com a escuridão ambiente.

Faço uma hipótese: é a careca do Jaboo. Mais alguns passos e digo: certa.

O Jaboo dorme a sono solto...

Abro a caixa para retirar o avental, tesoura, etc. Não me zango, pois, atualmente, a posse das coisas alheias está muito em voga na nossa escola.

Ainda tiveram consciência, deixando o avental. Consulto o relógio: falta 1/4 para 2.

Ainda há tempo para ir ao bar tomar um copo de uma suspensão grosseira de bagaço de laranja em água da torneira, que Luiz muito pomposamente denomina *laranjada*.

O gosto não é muito bom mas em compensação, pela celulose que contém produz um belo efeito purgativo.

Chego ao departamento de Técnica.

Do fundo do longo corredor vêm aos meus ouvidos vozes masculinas que cantam qualquér melodia em castelhano.

A medida que me aproximo do outro extremo mais intensamente vibra meu já gasto timpão, até que, voltando para a direita vejo, num canto, abraçados o Vaquero e Plástico a assassinaram "El bandidero".

O panorama que então se descortina é desolador. O semblante de todos denuncia a ação devastadora que produz o Tripanosema gambiense.

O velho sistema das bichas ainda aqui não é esquecido. Bem a porta está sentado Camisola, de calças arregaçadas, como querer provocar inveja ao Maspes, pondo à mostra suas pernas hipertróficas. Vem depois Danilo e Quadrinhos, que como garotos irrequietos, procuram retirar os companheiros daquele estado de torpôr.

Num canto está formada uma rodinha. Que será? Estarão mostrando alguma gravura interessante? Chegando perto vejo, no centro o Aparício falando por tudo o que é junta, gesticulando como um maluco, contando suas últimas aventuras com algum que diz êle ser da alta roda.

Mais adiante, Tranches! Ernani falam do jogo do bicho.

Noutro lado está a Junco com seus olhos escuros, falando com Maria Lulza, que roda correntinha de chaves.

As 2 horas são chegadas. Aproxima-se da porta um "colored" todo impertigado, trazendo na mão uma chave.

A turma faz pressão, a porta se abre e dá-se o estouro da bolada.

Solavancos, empurrões e do meio daquela balburdia soe uma voz, "olha a criança". Só poderia ser a do Nebol.

Dentro da sala tudo abafado, cheirando a suor.

O Pinta tamborila o parapeito, enquanto ri o Tranches!, mostrando seus 32 dentes, o buco-faringe e por pouco não se vê o estomago.

O Rodrigues e Ibanez contam piadas sem graça. É valado o Miletto por se meter a cantor de opera.

O barulho é infernal. De repente todos em silêncio. Chega Mestre Vasconça, acompa-

nhado por todo o seu time, de cuja escalação fazem parte os "craks" Finochiaro, Dino, Silvio, Lérario, Mauro e os reservas Fuad, Montelro, etc.

O Mestre, metido no seu macacão branco, prende a atenção da turma com cenas de magia que até nos traz à lembrança aquelas rodinhas que se vêm no Jardim da Luz. Fala por todos os poros.

Fecham-se portas, janelas, apagam-se as luzes. Funciona o cineminha. De vez em quando, sob toque da varinha no chão, muda-se figura.

Quando encenra o negocoê êle dá em cima do Finochiaro. Acabado cinema, começa a outra parte do espetáculo. Os homens estão a postos.

Vae Montelro até à porta, faz que pega qualquér coisa mas não pega, todo sem graça, volta vae até à mesa, faz que põe essa coisa sobre ela mas não põe. Sob comando do mestre aplica um forte Trendeleburg no paciente.

Enquanto isso se passa, Lino e Silvio, de tão atentos estão em fase de apnéa.

Continua o mestre falando. De vez em quando ouve-se a turma se manifestar, foi uma piada que contou capitão do time. O tempo vae passando.

Olho para assistencia. O Cassio, debruçado sobre parapeito, dorme como todo bom aluno do C.P.O.R. Do outro lado, sonha o Duarte, com a boca aberta. O calor é tremendo. Alguns já estão tirando o avental pondo a descoberto o seu belo tronco, tostado pelo sol como o de todo atleta que tem um proposito firme de vencer a Mac-Med deste ano. (Que os anjos digam amen).

Na nossa frente estão Ondina Maria Lulza. Elas também sentem calor, pois vental fino deixa ver bem a cor "morena de sua péis".

A molestia é contagiosa. Estamos em estado de semi-consciência, quando ouvimos alquem dizer: boa aula!

Novo estouro. Todos querem sair ao mesmo tempo. O Rodrigues, para ser diferente pula para picadeiro.

Terminada esta segunda parte do espetáculo, vão todos ao boteco do Luiz tomar aquele infuso que êle chama de café.

Terceira parte. O cenario foi mudado. Estamos agora num laboratório, ou melhor, sala de aulas práticas.

Os artistas agora são varios. Cada um dêles, em torno de u'a mesa, procura chamar a atenção do maior numero possível de curiosos que transitam por ali. Passando por perto ouvimos dizer: "Estão vendo este musculo? É o longo supinador, que se insere na epitroclea".

Mais adiante: "Como atingiu o mediano? Vamos procurá-lo na goteira epitroclea-olecrânica".

Os nossos ouvidos estão quasi a estourar quando ouvimos o sussurrar de uma voz que diz: "Locchi, você mancou comigo, deixando essa turma passar".

Era a voz do Boverô,, a que responde o Locchi" Mestre, perdôa-lhes porque são burros como a porta".

Cansado de tanto ouvir ciência, procuro sair. Vou dar as caras ao Joaquim, êle me diz: você precisa assinar o livro de frequência. Mas como? O Mestre disse que não faria questão de frequência. O indicador do beld aponta um quadro, onde lêo: "o aluno que não assinar o livro de aulas práticas será considerado ausente — Assinado — professor".

Que bom seria si a frequência fosse livre. Quanto tempo perdido seria aproveitado!

Assino o livro e dou fora, com uma indigestão tremenda do que chamam por aí aula. Chego a casa, caio na cama e só acordo porque me lembro que tenho que ir ao cinema...

SEMÃO CRENÊV

## C I S M A N D O

Mauricio Eolo

Por onde teria andado  
Valquiria elegante e fina?  
Procurei-a em vão  
como um Pierrot  
procura uma Colombina;  
pelas estradas, pelos bosques;

pelos lágos, pelos mares,  
pelos céus e pela arêia,  
vaguei com sol e com penumbra;  
e, de balde aqui me encontro,  
de onde parti,  
a cismar... a cismar...  
talvez noutro coração...  
possa eu encontrar...

## Discurso pronunciado pelo Dr. Luiz Wetterle, por ocasião da visita dos doutorandos de 1944 á Penitenciária do Estado

SENHORES DOUTORANDOS!

Quiz o vosso grande mestre Flaminio Fávero trazer-vos festivamente a este recinto, que as recentes inovações transformaram, não pela vaidade tola de vos mostrar uma administração que constitue glorioso título, mas cuja ostentação não se enquadra na modéstia de S. Excia.

Muito menos seria lícito supor que esta visita se destinasse a uma exibição das dores alheias ou à satisfação da curiosidade.

Aqui viestes a uma aula prática de grande e imenso alcance profissional.

Viestes constatar pessoalmente os magníficos efeitos de um nobilitante e demorado tratamento clínico e da aplicação maravilhosa de um anestésico às dores, colhido, gota a gota, no sempre renovado laboratório do evangelho de Jesus.

Quando, no exercício doloroso de vossa profissão, porque sabeis sofrer com o paciente, dividindo com ele, pelos recursos que a ciência aponta em cada caso, e partilhando quanto possível de seus sofrimentos, uma das grandes preocupações é a da melhor aplicação do melhor anestésico.

Nesta casa pratica o Professor Flaminio uma constante, paciente e nobilitante operação plástica, procurando reajustar no organismo da sociedade os membros que o bisturi do veredictum dos tribunais havia seccionado.

Quando, numa das etapas comuns em toda a operação plástica, tendes que rejuntrar uma parte nova já anteriormente deslocada a rejuntada para outro ponto do organismo, um dos primeiros cuidados é o de proceder a uma raspagem nas faces a serem justapostas. Avizais duas pétalas sangrentas para a posterior junção perfeita, procurando, ainda cuidadosamente, que a cicatriz não deforme o ponto de junção.

Flaminio procede com igual destreza e maestria, fazendo avivar nas partes em contacto, o funcionário e o preso, as odorantes pétalas da caridade cristã, aplicando carinhosamente, durante a modelagem mimosamente completada, o bálsamo amenisante e confortador de uma caridade evangélica que não reconhece os crimes praticados, mas é um manto que abriga todas as chagas e é um véu que se fecha, qual cortina indevassavel, sobre o passado; e que não distingue raças ou cores, porque a todos abraça afectuosamente como irmãos.

E é assim que o nosso prezadíssimo diretor consegue este prodígio que estais vendo.

Os pacientes, cujo número se eleva a milheiro e meio, nem se apercebem da grande operação a que se encontram submetidos.

Ei-los risonhos, exuberantes de vida, todos amigos do grande cirurgião, do qual não se julgam vítimas, mas filhos amantíssimos e de quem guardarão uma lembrança imorredoura.

Senhores doutorandos. Sede benvindos nas classes que dirijo.

Aqui, eu e meu auxiliar, procuramos também seguir as pégadas do nosso mestre, coadjuvando-o, como todos os funcionários desta imensa casa, na medida do possível. Aqui, também, não vemos presos sem nome, substituído pelo número, mas alunos queridos, amigos, irmãos.

Em nosso nome e em nome de todos os alunos de nossas classes eu vos saúdo!

# Caravana a Catanduva

Semana Santa. A "panela" vai viajar era que se propalava pelo porão da nossa "magestosa". Defato, na 5.ª-feira embarcava as 6 horas da tarde na Estação da Luz, rumo à Terra Prometida... pelo Vaqueiro a embaixada "Alfredo Issa Assaly, juntamente com os componentes da Embaixada "Fernando Costa" que foi a Rio Preto. Recebemos na gare as despedidas do Braga, Ghérardi e Camisóla. Grandes confusões que culminaram com um assalto concentrado finalmente tomamos posição. Ia gente até nos porta malas. A viagem foi gosadíssima e a turma era das boas. Houve muito humorismo, muita piada (decente) e o Orfeu abafou com a sua gaitinha. Havia algumas garotas que viajavam conosco que logo aderiram à turma e assim tornou-se mais interessante (que dúvida éin!). O Abreu, que sustentava no queixo um ridiculo cavanhão de 5 dias, avançou sem perda de tempo numa lourinha feiôsa do grupo soltou "cantada".

Em certo momento, no meio da confusão que pairava pelo wagon, Abreu não estava mais sentado ao lado da dita cuja, mas sim no lugar desta e esta não saiu do seu lugar (nossa, que embrulhada). Vocês entenderam, é isso que interessa. Bem, após 6 horas de viagem chegamos à Araraquara onde baldeamos para a Araraquarense. Na estação, o chefe, muito solícito gentil quis oferecer uns aposentos especiais ao Pintá e este foi obrigado a retribuir com um "discurso eloquente" ou melhor "muito quente" que só terminou com a intervenção de um soldado. O chefe disse que "discurso" foi muito forte e ainda lhe doia o queixo. Sem dúvida foi uma boa lição de "oratória".

Depois de grande atrazo, prosseguimos viagem, muito mal acomodados porém bem humorados (até rimou). Viajamos toda a noite entre piadas e gargalhadas até que a cansaço se apoderou da "macacada". O Lamartine esteve impagável na sua imitação inconfundível do Albino do Xilol. (Olha a piscina,ilha fisicultiva). E a conversa entre o Xilol e o Albino era de arrebrantar. Quando o silêncio "caiu" sobre o carro só se ouvia lá no fundo uma gaitinha (do Orfeu) entoando uma musiquinha melancólica sentimental enquanto, pela vidraça via-se lá por trás da mata uma enorme bola de fogo que iluminava as folhagens contribuía para embelizar ambiente. Era a lta indiscreta e linda como ha muito eu não via igual, num ambiente todo especial sem dúvida, era magnífico momento, para meditar recordar. Confesso que foi isso que fiz. Entre dormitando remexendo passavam-se os minutos e o trem avançava rumo à terra das mais belas garotas do interior do estado. Finalmente pela manhã lá chegamos, mais mortos do que vivos. Aguardava a nossa chegada o colega Vaqueiro que para lá já havia ido anteriormente a nós. Acomodamo-nos logo em tres hotéis entramos no chuveiro refrescante e... limpante. Quando a noite caiu sobre a cidade a turma foi em busca do "material" tão famoso e falado. Fez-se logo grandes amizades houve grandes "contrôles".

No sábado fomos a uma "gafleira" lá no outro lado da cidade. Dançamos com as "meninas" do 2.º time isto porque às do 1.º time não se misturam. Porém, no domingo, foi-nos proporcionado um baile no Catanduva Clube e então pudemos comprovar que de fato aquela cidade é paraíso das pequenas bonitas e não convencidas (isso é que vale). Ninguém ficou na mão. Até o Liôn (si a padre souber ele será expulso de coroinha) andou controlando o "seu". O Dr. Julinho todo importante dançava animadamente com a bela Regina (a tal que é miça). Os olhinhos dele não negavam que uma paixão apossara-se do seu coração. (Catanduva vai contar com mais um médico dentro em breve). O Broto então controlou melhor..... buxo do baile (e era boa, imaginem as outras). Esteve formidável. O Abreu então avançou numa linda turma (a paixão do Horácio) e não cançava de admirar... touro de 700 contos que ela possuía. Essa turma não vale nada. Enquanto isso lá no bar deram de beber um calice de guaraná para o Liôn e este ficou no "plêque"; só queria visitar a "prima". Que escandalol! Meia noite e meia. Apaçam-se algumas luzes do salão e ao som melancólico de um blue, como fundo musical, Pintaro (ôque, ôque) agradece no microfone as gentilezas e amabilidades que nos foram proporcionadas. Mais alguns instantes e todos se retiram. Fomos ao

bar da esquina e lá demos os já classicos, pi-que-piques, Nicodemo, etc.

Ao piano, os inconfundíveis Paulinho, Della-pe Julinha, brilhantavam com suas bós-sas pianísticas, a brincadeira (que pôrrel) Descrever a cara do Takaóka na "água" é impossível mas eu garanto que era de molhar a cuéca.

Coiça que deve merecer especial menção é o espírito ordeiro que reinou, não havendo absolutamente atitudes que pudessem macular o nome da nossa embaixada e da nossa Faculdade. As "baixas" os "pinduras" estiveram ausentes prova inofismavel do nosso procedimento irrepreensível está no convite que nos fizeram para que voltemos em breve à terra das lindas meninas. (obrigado, obrigado).

Quando saímos do bar alguns foram para seus hotéis e outros foram visitar um "convito" que fica próximo. O resultado é que na manhã do embarque apareceu retrato de uma "freira" com uma dedicatória. (Nôôôôôôô!!!).

Parados no meio da rua ficaram noite inteira Tranca Rufino, este explicando áquele o nome das constelações e apontado lá no céu (que estava bem perto, na ocasião), as estrelas.

O Tranca não pescou nada mas em compensação o Rufino descobriu uma nova constelação: a Catadúvia, em homenagem à cidade.

Na manhã de 2.ª-feira embarcamos e aqui chegamos à noitinha prontos para começar com a rotina da Faculdade e preparamo-nos para os exames que se aproximam. Caravanas como estas deixam saudades jamais serão esquecidas da nossa vida de estudantes.

Observador do cemiterio.

## PECADO

Numa rua escura,  
Pares, não sonham com lares.  
Mundo de loucura.

Haikais de Isáú Udihara



# Sonho de Icaro

(D'ANNUNZIO)

No mar uma asa arde, solitária,  
qual pálida ruína em libração.  
As penas, sem a fragil ligação,  
ondulam ao sabor da brisa vária.



Derrete-se a cera d'asa icária  
que Dédaló, sonhando, engendrou  
em Grosso, quando o rei o condenou  
a expiar uma obra mui nefária.

E quem a colherá? Com novo e forte  
líame suas penas esparzidas  
Unirá, retomando o vôo estulto?

Reteve Icaro suprema sorte!  
Não discerniu o dom de nossas lidas  
e, só, ruiu das vagas no tumulto.

ADHEMAR FIORILLO

# Patética

Eflúvios de luz ciclam carícias,  
trazendo longos, cálidos amores,  
em beijos puros, ternas primícias  
às águas azues, aos tufos de flores.



Galhos despídos apontam, ardentes  
num desejo incontinido de abraço.  
Derrigam estrelas mãos transparentes,  
querulos sons transfundem no espaço.

Lua ubertosa toda de véu  
de nuvens que perambulam no céu,  
extasia-se no incenso sutil

de turbulos esconsos, divinos.  
Rola em covins de cúmulos albinos,  
embalando-a dolente anafil...

ADHEMAR FIORILLO

# Esquizofrenia..

— O homem moderno é um esquizofrenico, etimologicamente pensando, é u'a personalidade fendida, bipartida em suas tendencias e impulsos. Tem a paixão pelos fatos o medo de tirar dos mesmos as deduções, implícitas. Age como um animal (um) imagina como um adolescente; e isto, para pensar aquilo. E' neste binorio que se apoia pavor quasi místico do homem do sec. XX em relação aos assim ditos juízos de Valor.

Esta atitude, podemos verificá-la em tudo, mas é na Arte e na Ciência que ela mais transparece.

Desde que alguém ou algo represente com relativa fidelidade que existe, principalmente no homem (paixão delo fato), é quanto basta para qualificar homem ou sobra como pertencendo ao (arte), campo da arte. Lembrar, diante de um monstro psicológico, de seus conflitos e reações, um juízo de valor, seria heresia, quando não fanatismo (medo de deduções).

Ao cientista que induz uma lei imediata ou elabora uma estatística, chamamo-lo sablo, as-soz admirativamente. Se, por infelicidade, o homem corresponder ao qualificativo por isso se abalouçar a uma ou outra afirmação mais geral abstrata, passa impiedosamente para a classe dos "Metofísicos" como tal é, ironicamente, tratado. Ciência normativa, para nós, é um conceito contraditório. Toda afirmação forte de valor, atitude que a vida exige a cada passo, é taxada de preconcebida, extrema-da, ingenua, anti-científica e sei mais o que.

É natural que assim seja: ao homem que nega aprioristicamente possibilidade de existencia de um valor primeiro e absoluto, nenh-um outro tem sentido, pois é dele que todos dependem e em função dele valem.

E contraditório estala. No caso da Ciência para exemplo: hipocritamente sustentamos, ser ela única fonte fundamento da moral, do futuro. Hipocritamente dizemos, porque a ciência, com toda a sua relatividade, já chegou a algumas conclusões, que bem podem, servir de norma em uns poucos casos particulares. O infimo numero dos que a obedecem nos mostra a sociedade que o que nps falta é um pouco de honestidade em admitir nossa indi-

gencia um pouco de boa-vontade para corrigi-la. Um pouco de coragem para terminar, em resumo, com essa "autonomia" moral que é puro delírio autista pregada por um autista delirante, Kant. Só obedecemos às normas "científicas" quando são muito particulares (algumas regras de higiene) e, principalmente, as que já estão sensivelmente sobre nossa linha automática de procedimento.

Nesses casos, elas nos servem para um auto-elogio "racional".

Nas ciencias não humanas quanto ao objeto, fome de relações que nos dê maior poder sobre as cousas e, pois, maior bem-estar, esta fome é insaciavel. A lógica, a imaginação e a observação se congregam e aguçam notavel harmonicamente. Nas ciencias do espírito, tudo que está 1 mm. além da afirmação do fato é tabú. Todo psicólogo que se atreva enunciar, a partir dos fatos, u'a pequena regra de vida, é recebido com um sorriso maueoso que revolta.

Em resumo: queremos fazer o que nos apraz que os outros não nos aborream, nem mesmo em nome da Realidade ou da Verdade; que não quer dizer que não aborreceremos os outros com os dogmas de nossa ridicula experiencia pessoal nossa presumida ignorancia.

E tudo isso explica-se: todo julgamento de valor implica em uma metafísica, em um sistema de idéas relações sobre a realidade, total ou parcial, em que a importancia relativa das cousas se estabeleça em função de uma que seja, de fato ou por hipótese, absoluta.

Acontece, em que pese aos evolucionistas positivistas que o homem é um animal lógico o que não quer dizer que ele seja razoavel... se tentassemos explicitar os principios que fundamentam nossa metafísica ou nossas metafísicas, veríamos a plena luz as monstruosas contraditões que ela ou elas "harmonizam" em seu ecletismo promisso determinado pelo egoísmo, sexo, ouro, ou outro qualquer idolo.

Falemos em explicitar principios. Queremos significar o seguinte: Nossa atividade, mostrah-do, pelo esforço que fazemos para adquirir ou fugir, o valor que realmente damos às cousas, permite sempre que se induza, mediata ou imediatamente, as verdades que nos servem de guia, consciente ou inconsciente. Atraz de todo ato, está um juízo de valor apoiando a este, uma metafísica, permanente ou instanciar.

Continuando: Diante daquela cacofonia lógica não nos convem e, mesmo, nos desagradaria fundamente, ver nossa filosofia posta em forma. Por isso, preferimos nos equilibrar cotatimicamente na corda bamba de nossa consciencia atual fazendo concepções e contratos com os mais incoerentes principios, contanto que eles garantam nossa "dignidade" no momento que passa.

Vai daí que todo exame honesto de nosso interior é religiosamente evitado, porque nos condenaria. Ora, quando não conhecemos um pouco de nós mesmos, enquanto não analisamos instrumento da critica sujeito do pensamento, pouco valor têm nossas verdades. Podem ser verdades de fato, mas por acaso, sem demonstração convincente.

E assim, homem livre do seculo XX, livre externa internamente, só teme de livre, parcialmente, exercicio dos sentidos. Sua inteligencia vive encadeada, não pode se manifestar; Porque se condenaria se começasse a funcionar.

A esquizofrenia aparece: supoma-nos, sem exame sem discussão, ideais ambulantes e encarnados; é o que, de fato, poderíamos ser. Procedemos pior que animais; é o que somos.

As relações entre a ação e a inteligencia, que a lógica imparcial deveria determinar os grandes principios coesos ordenar, constituem limiar que não conseguimos transpor. Porque, recordemos, ideal que sonhamos ou está de acordo com a realidade, externa e interna, ou não se realiza. E a perfeição humana e, pois, a humana felicidade, está na integração de nossas facultades em uma unidade harmonica, sempre identica atravez as vicissitudes do tempo, sempre diferente em suas manifestações, sempre adequada em sua atividade.

Esta esquizofrenia, fruto de contraditões no intelecto, causando a incoerencia na atividade reciprocamente, é certamente later importante na manutenção dessa insatisfação perene que nos carcome, as entranhas nos faz cínicos e fanáticos, vaidosos e despeitados, cruéis e violentos.

José A. Galera  
Leões

# “O BISTURI” NOS ESPORTES

## Caravana a Catanduva

A Faculdade foi Representada em Basket, Polo aquático Natação.

Quanto ao Basket, fizemos ótima figura conseguimos, segundo opinaram elementos da cidade dirigentes, impressionar melhor que o S. Paulo que uma semana antes visitara Catanduva. Embora desfalcados de Bello e Peróneo, perdemos, nos últimos instantes, por uma cesta, embora tivéssemos comandando sempre placard. A disciplina imperou demos uma demonstração de espírito esportivo elevado que aliás existiu também por parte do leal adversário; na 2.a partida a diferença foi de 5 pontos porém os nossos portaram-se sempre com bravura vontade firme de vencer. É inegável que o cansaço da viagem “outras coisas” muito influíram no resultado.

Enfim tudo decorreu muito bem. Em Polo aquático conseguimos vencer por

3 2. A nossa turma foi: Abreu — Takaoka Julio — Musa — Horácio — Pinta Paulinho. Os 3 pontos foram consignados por Pinta. Em Natação Takaoka venceu os 100 400 ms. livres e Horácio perdeu os 100 de peito para um bravo nadador local. Fizemos demonstração de 3x50 tres estilos Musa Cicero nadaram 100 de costas a título de demonstração.

Grande assistência presenciou todos os jogos.

Queremos consignar aqui os nossos agradecimentos ao Sr. Floriano, diretor do Catanduva Tennis Club, ao Paulo, ao Musa (o técnico) aos diretores do Catanduva Club, a todos enfim que cooperaram com seu caráter hospitalidade, afim de que nada nos faltasse.

## Remo

Após um período aureo no bienio 42-43, durante o qual vencemos autoritariamente o Mackenzie, com a safada de vários de nossos remadores caiu o Remo na Faculdade em aguda crise. Contudo com os poucos elementos restantes conseguimos ainda um relativo equilíbrio, só perdendo a última Mac-Med por absoluta falta de chance.

Este ano a Diretoria de Esportes do CAOC sob a direção de Gherardi, pretende reerguer o nosso nível técnico nesse salutar esporte, e para isso espera seguir:

- 1 — Assistência técnica e material especializado.
  - 2 — Excursões a Santos e Vila Americana.
  - 3 — Participação nas regatas internas de diversos Clubes e nas da Federação.
  - 4 — Pareos extras com outras Escolas, além de medalhas e estímulos.
- Todavia para que tais promessas se tornem realidade necessitamos imperiosamente do auxílio e abnegação dos

colegas que praticam ou não esse esporte. Pelos treinos até agora realizados as guarnições serão presumivelmente as seguintes:

Yole a 4 — A — Isaias, Manzione, Piccardi e Millan.

B — Ferraz, Foguinho, Meira e Omir.

Guig a 2 — Fadul e Sampaio.

Guig a 4 — Fadul, Sampaio, Lauz e Zaclis.

Canoé — Brotto.

Yole a 8 — Fadul, Brotto, Andreucci, Piccardi, Manzione, Sampaio, Jayme, Prado e Ferraz.

Suplentes: Pedalini, Reynaud, Camargo, Guida e demais interessados. Timoreiro — Dacio Pinheiro Pinto. Técnico — Americo Garcia Fernandes, da A. D. Floresta.

Auxiliares — Amadeu Bolognese e Makota da A. D. Floresta.

Os treinos serão realizados todas 3.a, 5.a e Sabados, às 17 horas na A. D. Floresta; independentemente de qualquer outro posterior aviso oral ou escrito. As guarnições completas

poderão treinar no horário que mais lhes convier. Aos Sabados frequência obrigatória.

Apelamos veementemente para a Boa Vontade, Espírito de Cooperação e Compreensão e Dignidade de nossos remadores para que compareçam assiduamente, honrando suas assinaturas em nosso Livro de Remo; pois só com treinamento intenso e extenso poderemos apresentar-nos no cote-

jo Esqueleto x Popeye com probabilidade de sucesso.

A A. D. Floresta, nossa tradicional aliada no esporte nautico, que mais uma vez nos amparará com a perfeição de seu material, com a colaboração de sua especializada assistência técnica e com a dedicação de seus funcionários deixamos aqui nossos protestos de elevada simpatia e profundo reconhecimento.

## Basket-ball

Campeonato da GAZETA

Afim de disputar este Campeonato, inscreverem-se o CAOC com o nome Bisturi E. C.

Integraram a turma do Bisturi os seguintes elementos: Branco, Cotrim, Gecel, Junqueira, Lamartine, Lotufo e Ubiratan.

Para nosso 1.o adversário foi sorteado o Comercial E. C. que foi vencido por 28 a 13; nossa 2.a vitória foi de 48 a 27 contra o “team” do Guarda-Civil B; nosso 3.o compromisso foi contra o E. C. Espeto cuja derrota foi por 39 a 20; e finalmente jogamos contra o Luiz de Barros que nos venceu por 19 a 39, sagrando-se mais tarde vencedor do X Campeonato Popular de Bola ao Cesto da GAZETA.

Os nossos jogadores fizeram jús a artísticas medalhas oferecidas pela Gazeta pela 8.a classificação que obtivemos, isto entre 87 turmas, o que muito vem enaltecer o nome do CAOC no meio esportivo da Capital.

Queremos deixar assinado o nosso agradecimento ao Abreu pelo auxílio técnico que prestou ao Bisturi E. C. e agradecer ainda aos colegas em geral que vieram torcer pelas nossas cores.

CAMPEONATO INTERNO

Como nos anos anteriores, haverá um Campeonato Interno que se realizará ainda este semestre.

As inscrições estão abertas de 15 a 20 de Abril, podendo cada ano inscrever 10 jogadores no máximo e 7 no mínimo.

Com o intuito de homenagear os ex-“craks” do esporte da cesta, resolveu-se dar o nome destes atuais médicos às turmas disputantes.

Cada ano terá o seu representante que responderá pela sua turma.

Assim, os homenageados e representantes são:

- 1.o ano — turma — Dr. Martinez; Representante: Junqueira.
- 2.o ano — turma Dr. Varella; Representante: Ubiratan.
- 3.o ano — turma Dr. Mesa; Representante: Lamartine.
- 4.o ano — turma Dr. Lerario; Representante: Abreu.
- 5.o ano — turma Dr. Lopes Neto; Representante: Brotto.
- 6.o ano — turma Dr. Braga; Representante: Rufino.

—\*—

TORNEIO DE LANCE LIVRE

Uma novidade que surge entre nós é o torneio de Lance-Livre no qual poderão inscrever-se todos os socios do C.A.O.C.

Para regularizar a disputa deste torneio, está sendo elaborado um regulamento.

O diretor de Basket-Ball oferecerá uma medalha ao vencedor do torneio deste ano.

## ENTREVISTAS COM ER-RADOS CÉLEBRES

PALPITEIRO

I

Bóssa em mim é mato  
Mas não espiritual  
O que em mim ora sopra  
É bóssa occipital

MOREIRA LEITE

II

Essa grande macacada  
De maldade é famelica  
Pois agora só me chama  
“Gostoso” do bonde Angélica

KURBAN

III

De certo pensava em mim  
Quando a musa inspirava  
Ao escrever Du Bocage:  
“Nariz que nunca se acaba”

MIKSIAN

IV

Que somos nós mosqueleiros  
Meu Deus, não ha maior petal  
Positivamente o que somos,  
É o grupo dos tres poetas

BLOISE, MARIANO E LABATTE

V

Para substituir o badalo  
Do sino que se quebrou  
Um cura inteligente,  
Ao Fontana pendurou

ANONIMO

VI

Não ha neste mundo Intelre  
Mais horrenda criatura  
Em mim materializou-se  
De todo mundo a feitura

FAUZE

Américo dos Santos

1-4-944

## PEQUENOS QUADROS

SOLIDÃO:

E agora, que é que vinha lá do fundo?  
Uma música bonita, a representação dum mundo tranqüillo... Então, nada mais existia, se não aquela mansidão... Serenidade toda povoada de recordações do passado, que em vida eram fatos dolorosos... Nenhum mal mais existia. A orquestração sublime continuava, em surdina. E a minha solidão já não era mais deserta. E meu silêncio era cheio de música.

—\*—

ENIGMA:

Eu não sei quem é você.  
Você não sabe quem eu sou.  
E no entanto eu gosto de você.  
E você gosta de mim.  
Em crepúsculos de amargurante melancolia, eu só penso em você. Nas noites de mortificante insônia, sua imagem, gracil e suave, toma conta do meu espírito cansado...  
A todo momento, onde eu estiver, a sua doce figura me acompanha. Nada afasta o meu pensamento de você. Tudo me faz pensar em você. E com você, o mesmo acontece.  
Eu sei disso. Você sabe. Nós sabemos.  
Você gosta de mim,  
eu gosto de você.  
E no entanto você não sabe quem eu sou  
eu não sei quem é você.

—\*—

FESTAS:

Contentamento das crianças... Sorrisos dos velhos... Palpitações dos jovens.

—\*—

ESPERANÇA:

O telefone tocou... Pensei que fosse para mim... Somente ilusão.

COMPOSTO E IMPRENTO NA TIP. PAULISTA — RUA JANDAIA, 50 SÃO PAULO

PARABENS:

O cumprimento que ela recebia de todos: — “Felicidades!”. Só em palavras, só em desejo.

—\*—

CONVERSA:

Dois estudantes conversavam. Um deles falava:  
— Você ainda gosta dela?

—\*—

MORTE:

Sôbre a mesa, caneta com a pena quebrada.

—\*—

PSICANÁLISE:

“Uma alma que não mostra nada, inscandavel, impenetravel, como uma noite escura sem estrelas”.

ISAW

## “SEÇÃO CINEMATOGRAFICA”

O Castelo do Homem sem Alma .....	Anatomia Patológica
Garota Prodígio .....	Carlos da Silva Lacaz
Don Juan da Armada .....	Sérgio Aranha Pereira
Jamais Fomos Vencidos .....	Renato Locchi
Felizes para Sempre .....	Nhá Mota e Mignoni
Pistoleiros sem Pistolas .....	Tibí e Mafei
Esta Terra é Minha .....	Floriano de Almeida
O maior Sovina do Mundo .....	Faria
Em cada coração um pecado .....	A turma da patológica
My son, My son .....	Celestino Bourroul
Ilustre desaparecido .....	Rubião Meira
Sacrifício de Mãe .....	Raul Briguet
Tudo por ti .....	Nhá Mota e Ubirajara

## NO JARDIM DE MEUS HAIKAIS

PRIMEIRO BEIJO

Em sombras ao luar,  
Lábios moços se beijam.  
Corações pulsam.

ANSIEDADE

Venha mais cedo,  
Sonhar, comigo e amar.  
Venha, sem medo.

RECORDAÇÃO

Lua sem piedade,  
Tudo quieto mudo.  
Choro de saudade.

ABANDONO

“Playa de etona.

Ela pisó esta arena,  
Y yo estoy solo”.

ALEGRIA

Vivasse minha  
Companheira, e veria a luz  
Formosa da noite.

SOFRIMENTO

“Puerto nocturno,  
De aquí la llevó el barco  
Que nunca vuelve”.

QUADRO

E’ noite bonita,  
Ele, só, suspira de-ó-ó.  
Numa desditá.